

SEGUNDO ENCONTRO DA PESQUISA DE PÓS-GRADUAÇÃO E INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM FRANCÊS

Uma leitura do pacto autobiográfico de Philippe Lejeune

Ana Amelia Barros Coelho

Philippe Lejeune desenvolve, desde seu primeiro livro, *L'autobiographie en France* (1971), um trabalho em torno da expressão autobiográfica em suas variadas formas. Em paralelo ao trabalho de professor universitário, Lejeune escreveu ensaios teóricos e análises tratando da autobiografia como manifestação artística. Para tanto, centrou-se num conceito: o “pacto autobiográfico” – marca textual a partir da qual o leitor reconhece o engajamento do autor a relatar sua vida: a coincidência dos nomes de autor, narrador e personagem; títulos e subtítulos como “minha vida”, “autobiografia”, “memórias”; indicações paratextuais diretas, em prefácio ou contracapa por exemplo. O pacto é uma declaração do autor que permitiria ao leitor fazer a distinção entre uma narrativa ficcional e um relato de vida. O autor se engaja diferentemente em função do tipo de obra: haveria, numa posição oposta ao pacto autobiográfico, um pacto romanesco e gradações entre um polo e outro, pactos ambíguos. É pela leitura, segundo Lejeune, que a autobiografia ganha existência – pela leitura mesmo as ambiguidades tomam forma.

Nesse sentido, a leitura tem papel definidor no estudo de Lejeune; ademais, é um aspecto que marca seu próprio método de trabalho.

É como “leitura” que muitos dos estudos de Lejeune são apresentados. Cito aqui apenas alguns exemplos: *Exercices d'ambiguïté. Lectures de Si le grain ne meurt* (1974), como o próprio título sugere, traz leituras interpretativas de trechos da obra de André Gide. *Lire Leiris* (1975) é uma experiência de leitor frente as autobiografias de Michel Leiris, escrita em seu desenrolar, passando da leitura à escritura. “Leitura” é o título dado à segunda parte do volume *Le pacte autobiographique* (1975), na qual se encontram os textos de análise das autobiografias de Rousseau, Gide, Sartre e Leiris; nesse conjunto de cinco textos, dois são dedicados à leitura das *Confissões*, em particular do Livro I.

Nessa perspectiva, pretendo refletir sobre a postura de leitor que Lejeune adota em suas primeiras obras, em sua relação com seus objetos de estudo, em particular com as *Confissões* de Rousseau. Tal postura mostraria as posturas metodológicas de Lejeune no seu estudo sobre a autobiografia e poderia evidenciar que ponto de vista eu mesma adotaria em minha pesquisa.

A leitura a que me propus se realiza em dois movimentos: primeiramente um desejo de identidade com o objeto literário, por meio da adesão ao pacto que o texto propõe. Essa identidade seria, num segundo momento, rompida. Adotando imagens para ilustrar esses dois tempos, teríamos a construção de um espelho, e em seguida esse espelho seria fraturado. Tanto o movimento de identificação como o de ruptura, necessários para a atividade crítica, são abordados pela figuração do leitor Lejeune em seus textos críticos, em relação com o leitor Rousseau em sua autobiografia.

Serviram de interlocutores trabalhos da crítica temática – perspectiva crítica de um grupo de professores universitários, como Georges Poulet, Jean Starobinski e Marcel Raymond. Tomei como ponto de primeiro ponto de aproximação a ideia de que a crítica temática procede por uma leitura que percorre todos os níveis de um texto – das estruturas formais aos efeitos de sentido construídos no leitor – motivada por uma simpatia e centrada num tema. Projetei esse impulso nos textos de Lejeune, percebendo que a aproximação não se dá com algo presente no texto em si, mas por meio de minha leitura. Nesse movimento, pretendia arranjar um jogo de espelhos. Procurava, nos reflexos de espelhos colocados frente a frente, leitor e texto crítico, uma certa identificação: a mesma que seria necessária para aceitar a transparência que o pacto demanda no texto do outro e para, em meu turno, promover essa transparência em meu próprio texto.

Outro ponto de aproximação entre os textos críticos de minha leitura é um objeto literário

comum: as obras de Jean-Jacques Rousseau, em particular *As confissões*, considerado por esses críticos o texto autobiográfico inaugural em língua francesa. Rousseau teria dado início não somente a uma forma de produção literária, mas dado bases para a abordagem crítica da qual se veem como herdeiros.

A perspectiva do espelho me pareceu, inicialmente, um modo produtivo para tratar do meu objeto, ao observar, nos primeiros momentos de minha pesquisa, que o texto de Lejeune se move pelo reflexo do objeto (a autobiografia) no sujeito. Em outras palavras, o pacto, tema de sua preocupação teórica mais evidente, toma parte em seu texto e de sua postura como crítico — não somente ele analisa o pacto, mas o assume em seu texto. Nas autobiografias que são seu objeto, Lejeune constata que o pacto é menos uma questão de conteúdo do que de forma: o autobiógrafo deve promover em seu relato um ato de engajamento em torno do que é relatado. No texto autobiográfico, esse compromisso do autor em sua escrita se sobrepõe àquilo que é narrado. Prestando-se a identificar por que meios uma autobiografia é lida como tal, Lejeune leu e construiu seu texto com os mesmos instrumentos que recolheu em sua leitura. Os mesmos mecanismos atuantes em seu objeto de estudo moveriam então seu próprio texto crítico.

Ora, tendo em vista que o gênero autobiográfico é algo que se refaz continuamente, a crítica de Lejeune, para que dê conta de seu objeto, não deve se assentar na estabilidade; será por princípio incompleta, parcial. Também oscilante e autorreflexiva, a mim caberia prolongar esse desejo, colocá-lo em movimento por meio de minha leitura.

No entanto, talvez a imagem de meu pacto, objetivada e prefigurada, não se fixasse num espelho. Algo em sua limpidez me pareceu suspeita, questões turvaram a paisagem na qual eu procurava encontrar o meu texto. A fratura, como antecipação dos passos por vir em minhas leituras e como problema que move a crítica e a minha escrita.

A leitura das primeiras obras, feita nessa perspectiva, me mostrou que é justamente o caso modelar, o de Rousseau, que foge às regras de conduta para o pacto; ao mesmo tempo em que é o primeiro a formular um pacto de verdade com o leitor, sua postura não se encaixa nos parâmetros que Lejeune apresenta. E esse desenrolar de engajamentos e rupturas se refaz a cada nova leitura.

Na primeira leitura podemos observar todas as outras leituras, que a ela se seguirão, como nas infinitas imagens que se abrem quando dois espelhos são colocados frente a frente. À primeira vista, no detalhe do texto encontra-se o todo, como num fractal. Numa perspectiva especular, o convite que eu aceitei, para ler e falar de Lejeune, se desdobra em múltiplos níveis de leitura. O objeto parece uno quando eu o vislumbro, mas me aproximar dele é perceber a fratura que nos contém, e promover novas e sucessivas fraturas.

Entre reconhecer-se num texto de outro e construir um novo texto, procurei distinguir dois movimentos: começa-se pela fabricação de um espelho, pelo desejo de identificação; terminada a construção do espelho, a identificação se rompe; a ela deve se seguir a sua fratura.

Por mais que estudar a autobiografia demande o engajamento e a consciência de um pacto, um acordo entre instâncias separadas no tempo e no espaço que se conjugam no ato de leitura, não é possível manter a identificação entre sujeito e objeto até o fim — mas somente partir desse desejo.

A fratura não invalida a construção do espelho. Tanto um momento como outro são necessários à escrita, atividade em que se manifesta a reincidência de um ato que se percebe pela leitura, ato de linguagem que nos funda enquanto indivíduos, cuja origem não podemos encontrar, mas somente prolongar.

Nesse percurso metodológico, começou-se por um ato de engajamento que se mostrou inevitavelmente rompido. A leitura, de toda forma, não termina em si mesma, mas no reconhecimento de lacunas e fraturas que promove contra ela própria.